

### As memórias da casa da Rua Garay, o caso de Borges, Beatriz e o Aleph

Verônica Pereira Batista/UNB-IFPB<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a representação da memória no conto O Aleph, presente no livro de mesmo nome, do escritor argentino Jorge Luis Borges. Para tanto, analisaremos a representação da memória presente no conto por meio da figura de Beatriz Viterbo que nos é apresentada pelo Borges personagem que volta à casa da rua Garay para visitar aquele local que para ele tem um grande papel rememorativo, também através da representação do próprio Aleph e seu conteúdo memorístico. Para o referido estudo serão utilizados alguns teóricos de Jorge Luis Borges, como também o livro *Anatomia da Crítica*, de Northrop Frye, entre outros que nos direcionarão para uma análise mais profunda da representação da memória no referido conto.

**Palavras chaves:** Jorge Luis Borges, conto, memória, o Aleph, representação.

**Abstract:** This article has as its objective to analyse the representation of memory on the short story The Aleph, that is present on the book with the same name, from argentine writer Jorge Luis Borges. For such, we will analyse the representation of memory present on the short story through the figure of Beatriz Viterbo that is presented to us by Borges's character that comes back from the Garay Street house to visit that place that to him has a big reminiscent role, and also through Aleph itself and his memories. For this study some theorists of Jorge Luis Borges will be used, also the book *Anatomy of Criticism*, from Northrop Frye, amongst others that will direct us towards a deeper analysis of the representation of memory on the discussed short story.

**Keywords:** Jorge Luis Borges, story, memory, the Aleph, representation.

---

<sup>1</sup> Aluna do mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília e que tem por tema de pesquisa a obra do escritor argentino Jorge Luis Borges. Atua na área de Língua e literatura Espanhola e Língua e literatura Portuguesa. Atualmente é professora de espanhol no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB (João Pessoa - Brasil).

## ESTUDANDO BORGES...

O trabalho aqui proposto é parte integrante do corpus para análise da minha pesquisa de mestrado em literatura pela Universidade de Brasília. O projeto de pesquisa se intitula: Narrativas fantásticas e objetos simbólicos: o Fantástico nos contos "O Zahir", "O Aleph" e "A escrita do deus", de Jorge Luis Borges.

Pensar e estudar Jorge Luis Borges é nos depararmos com um mundo de possibilidades e realidades, é nos debruçarmos sobre um universo que ao mesmo tempo nos tira do chão e nos devolve a realidade com a mesma força e paixão, com tamanha intensidade e rapidez, que não percebemos se estamos realmente lendo um livro, se estamos sendo meros ouvintes de um senhor contador de histórias, ou se ironicamente estamos sendo participantes e dialogamos com aquela história, dando vida ao próprio conto. Estudar Borges é falar de um universo fantástico, que permeia sua vida, seus poemas, seus contos e seu ser.

Escritor de fundamental importância para o século XX. Seja na poesia, nos ensaios ou nos seus contos, seus temas sempre passam pela busca de si mesmo, a metafísica, o amor, a morte, a solidão, o tempo, o universo e o homem, entre muitos outros, com toques de realidade e do fantástico que se misturam de forma a prender a atenção do leitor e fazer que este deseje sempre mais e reflita sempre mais.

Toda sua obra é muito representativa, porém para esta análise optamos por um conto do livro *O Aleph*, conto este que se intitula igual ao título do

livro, *O Aleph* e dentro do conto, selecionamos objetos e conceitos com os quais trabalharemos.

A obra de Borges "*O Aleph*", que talvez seja o livro de contos mais representativo do autor, está composta por dezessete contos diversos que narram com grande sutileza fatos que vão desde o real ao fantástico sem que o leitor se dê conta. Nesta obra Borges trabalha com temas que passam dos sonhos aos fatos do cotidiano, do tempo à imortalidade, trabalhando com o elemento fantástico muitas vezes por meios de símbolos que desencadeiam sempre uma marca do fantástico em suas obras e que a primeira vista parecem simples objetos do nosso cotidiano e que passam a mostrar-nos outro mundo, outras visões, nos mostram o fantástico ali presente.

De modo rápido e sucinto, podemos resumir o conto *O Aleph*, como um encontro do personagem Borges com a imagem da mulher outrora desejada que permeia sua memória: Beatriz Viterbo, imagem esta de desejo tal que o faz lembrar sua amada todos os anos na casa de seus familiares, onde com o passar do tempo descobre no primo dela, Carlos Daneri, seu rival. A questão da escrita da literatura vem à tona com as conversas entre Borges e Daneri, não só a escrita como o próprio fazer literário. E em meio a leituras e conversas surge o *Aleph*, símbolo maior dentro do conto que servirá de deleite a Borges não só para poder reavivar suas memórias de Beatriz, como também vingar-se de Carlos Daneri, negando a existência de tal objeto.

## ESTUDANDO O FANTÁSTICO...

Os contos escolhidos para o projeto de pesquisa, que serviram de motivo inicial para este trabalho, são classificados e estudados a luz do Fantástico, por apresentarem características típicas do fantástico mesmo que de modo sutil, como veremos mais adiante com o conto analisado em questão.

Muitas vezes são apresentados aspectos do Fantástico, de modo tão sutil que se faz necessário uma boa e profunda reflexão acerca desse universo literário e teórico, o que não é tão simples visto que ao longo dos anos e dos estudos realizados sobre esse tema, percebe-se a complexidade e ramificações onde as teorias do/sobre o fantástico desembocam. Ao longo do tempo, e até nossos dias, os conceitos foram se modificando, tomando novos rumos e novas diretrizes.

Ao trabalhar com o Fantástico para analisar a obra de Borges, os conceitos trabalhados por Tzvetan Todorov, foram de grande valia, assim como a discussão entre os tipos de fantástico, as condições para que o fantástico ocorra e suas diferenciações perante o estranho e o maravilhoso, presentes em sua obra *Introducción a la literatura fantástica*.

No livro *Introducción a la literatura fantástica*, Tzvetan Todorov, caracteriza o fantástico como “(...) *una intrusión brutal del misterio en el marco de la vida real.*” (TODOROV, 2006, p. 25) ou também como “(...) *la vacilación que experimenta un ser que sólo conoce las leyes naturales, ante un acontecimiento al parecer*

*sobrenatural.*”. (TODOROV, 2006, p. 24) As situações fantásticas para a lógica de causa e efeito conhecida pelo leitor. Caracteriza ainda a literatura como uma literatura que “*postula la existencia de lo real, de lo natural, de lo normal, para poder luego abrir una brecha en ello.*” (TODOROV, 2006, p. 179)

O fantástico acontece numa situação que se considera normal e natural, onde tudo ao seu redor transcorre normalmente, porém esse fato vem modificar o andamento da narrativa, conferindo-lhe a expressão do fantástico e instaurando uma necessidade de reflexão sobre o fato inusitado e é neste ponto que encaixamos a presença e descoberta do Aleph no referido conto analisado.

Para fundamentar a discussão sobre fantástico, recorreu-se ainda as ideias de David Roas (2001), Remo Ceserani (2006), Felipe Furtado (1980), entre outros que colaboram para um estudo detalhado e aprofundado das características do fantástico, assim como sua diferenciação com o mágico e o maravilhoso, seja corroborando a visão apresentada por Todorov, ou mostrando contrapontos significantes para o entendimento e estudo do Fantástico na literatura, e nos contos de Borges.

Para David Roas (2001) ainda não contamos com uma definição que leve em conta o conjunto de múltiplas facetas do que chamamos por literatura fantástica. Ele afirma que o objetivo fundamental de todo relato fantástico é implantar a possibilidade de uma quebra com a realidade empírica em que estamos imerso.

“Así, para que la historia narrada sea considerada fantástica, debe crearse un espacio similar al que habita el lector, un espacio que se verá asaltado por un fenómeno que trastornará su estabilidad. (...) El relato fantástico pone el lector frente a lo sobrenatural, pero no como evasión, sino, muy al contrario, para interrogarlo y hacerle perder la seguridad frente al mundo real.” (ROAS, 2011, p. 08)

E com base nas palavras de Roas, vemos no conto em questão traços desse natural, dessa realidade, que ao mesmo tempo vacila num espaço de lembranças e incertezas presentes por meio das imagens revelativas e memorísticas da esfera (o Aleph) apresentada ao narrador.

Para Remo Ceserani, “*O conto fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois fazer disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo (...)*” (2006, p. 71). Se levarmos em consideração toda essa gama de informação veremos que o gatilho para o fantástico é justamente a leitura, a percepção que se tem do referido objeto em questão.

No conto em análise o objeto em questão que nos remete como gatilho do aspecto fantástico na obra é o próprio símbolo do *Aleph*, uma pequena esfera reluzente. Nos é essencial e indispensável para uma melhor compreensão e análise, o estudo dos símbolos, desde seus conceitos, a importância dos símbolos na literatura e o efeito que o símbolo traz ao texto.

### ESTUDANDO OS SÍMBOLOS...

Para adentrarmos no estudo referentes aos símbolos na obra de Borges, partimos do que Estela Cédola aborda sobre a questão central para

a compreensão e explicação do texto literário. Vemos que

“En lo fundamental, la investigación se apoya en los procedimientos de comprensión y explicación que son complementarios y requieren una marcha dialéctica del conocimiento, de un área a la otra. La comprensión implica la búsqueda de una estructura significativa inmanente del objeto. En este caso, el texto literario. La explicación es la inserción de esta estructura en otra inmediatamente englobante, que ha de explorarse para entender la génesis de la primera. Cuando, en un segundo paso, se toma como objeto de estudio esta estructura englobante, se busca su comprensión. Cuando se quiera hallar su génesis, se la explicará insertándola en otra estructura englobante más vasta.” (CEDOLA, 1993, p. 28)

Para compreender melhor a obra borgeana se faz necessário uma análise dos seus símbolos, partindo dessa análise conseguiremos visualizar muitos aspectos da obra que em uma primeira leitura nos permanecem ocultos.

Será levado em conta o papel simbólico presente nos textos, o que para Northrop Frye é de grande importância, já que “*No plano literal, onde os símbolos são motivos, qualquer unidade, descendo até as letras, pode ser relevante para a nossa compreensão.*” (FRYE, p. 83)

Para tanto o livro *Anatomia da Crítica*, de Northrop Frye, nos direciona para um melhor esclarecimento quanto ao estudo literário crítico e aspectos da simbologia literária. E o *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), será utilizado para que se possa obter um maior aprofundamento no que diz respeito à simbologia que se faz presente nos contos analisados.

Segundo a classificação de Northorp Frye, temos o símbolo como

“qualquer unidade de qualquer estrutura literária que possa ser isolada para apreciação crítica. Uma palavra, uma frase ou uma imagem usadas com algum tipo de referência especial (é esse o significado habitual de símbolo), todas são símbolos quando constituem elementos discerníveis na análise crítica.” (FRYE, p. 75),

Para Frye, o aspecto narrativo da literatura é um ato recorrente de comunicação simbólica, em outras palavras um ritual, ao utilizar-se de seus símbolos para expressar e dar significações dentro de um texto. Ainda segundo o autor

“Sempre que estamos lendo, vemos que nossa atenção se move ao mesmo tempo em duas direções. Uma direção é exterior ou centrífuga, e nela ficamos indo para fora de nossa leitura, das palavras individuais para as coisas que significam, ou, na prática, para nossa lembrança da associação convencional entre elas. A outra direção é interna ou centrípeta, e nela tentamos determinar com as palavras o sentido da configuração verbal mais ampla que elas formam. Nos dois casos lidamos com símbolos, mas, quando ligamos um sentido exterior a uma palavra, temos, em adição ao símbolo verbal, a coisa representada ou simbolizada por ele.” (FRYE, p.77)

Ou seja, toda leitura vem carregada de símbolos, que são disparados seja de acordo com a lembrança e associação que fazemos a eles, ou mesmo com o a determinação através do sentido que aquela palavra representa.

Temos no conto *O Aleph* a representação da letra *Aleph* que é a primeira letra do alfabeto hebraico, e suas origens e sentido original são desconhecidos, alguns etimologistas sugerem seu significado como boi, outros dizem que o *Aleph* é o símbolo máximo da cabala e que seu significado

seria a raiz espiritual de todas as letras e assim carrega consigo o alfabeto hebreu inteiro e do qual resultaria toda a fala humana.

Interessa-nos o uso da palavra no conto de Borges. Ela está carregada de um caráter místico simbólico, para Borges o *Aleph*, é “uma pequena esfera furta-cor, de um fulgor quase intolerável.” (BORGES, 2008, p. 148). Uma esfera que representa a revelação da totalidade do universo. É através do *Aleph* que podemos entrever todo o universo.

Segundo o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier y Gheerbrant, a esfera é a representação do universo, “a cosmogonia exposta por Platão em *Timeu* apresenta o universo sob a forma de esfera.” (p. 388).

Naquela pequena esfera vista por Borges personagem, temos refletido o símbolo de todo o conhecimento humano. E Borges a descreve também como esse *Aleph* era visto por outras civilizações, em outras épocas

Os místicos, em transe análogo, multiplicam os emblemas: para significar a divindade, um persa fala de um pássaro que de alguma forma é todos os pássaros; Alanus de Insulis, de uma esfera cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma; Ezequiel, de um anjo de quatro faces que ao mesmo tempo se volta para o oriente e para o ocidente, para o norte e para o sul. (p.148)

No conto *O Aleph*, encontramos em vez de um objeto uma esfera de luz, que escondida no porão de uma casa, porém não se apresenta como uma simples esfera de luz, ao olhá-la pode-se ter a visão maravilhosa do inconcebível universo, em um único instante, porém o *Aleph* tem “o defeito de não existir”. O *Aleph* permite ver, nos coloca

dentro de um “instante gigantesco”, é o ponto onde coincide o máximo e o mínimo absoluto, no tempo e espaço.

### ESTUDANDO A MEMÓRIA NO CONTO...

O conto nos traz itens, personagens e momentos que nos remetem a questão da memória, da necessidade de se guardar e manter memórias das coisas e pessoas. A figura de Beatriz, que nos é chave para início do conto, é carregada em suas aparições de todo um tom memorístico, é por causa dela, mas específico, por causa do aniversário de sua morte que Borges (personagem) volta a Casa da rua Garay. É para poder manter em dia sua a memória de sua amada que Borges cria um ritual sagrado de visitação.

O Borges autor, nos escreve um conto onde o mesmo se faz personagem, ou se intitula de tal forma e de acordo com o dicionário de termos literários, Massaud Moisés, nos fala que “(...) as memórias distinguem-se por constituir um relato na primeira pessoa do singular que visa à reconstrução do passado, com base nas ocorrências e nos sentimentos gravados na memória (...)” (p.289). Borges assim o faz em seu conto, relatando as experiências vividas na Casa da Rua Garay em suas visitas para recordar a imagem de sua amada.

E Massaud Moisés, com relação ao passado que é lembrado e registrado continua afirmando que,

Distorcido pela memória, o passado transfigura-se como se parecesse inventado, uma vez que o intuito reside menos no pacto autobiográfico estrito do que na reconstituição das lembranças que restaram do fluxo e refluxo dos dias. Não estranha que, ao dispor-se a registrá-las, o

autor adote uma perspectiva semelhante à de Proust ao imergir “em busca do tempo perdido”: ao recordar os dias vividos, sabe que a sua visão é subjetiva, por vezes idiossincrática, mesmo quando se trata das outras pessoas com quem lhe foi dado conviver. (p.289)

O Borges/narrador, começa seu relato, nos contando de forma apaixonada como depois da morte da sua amada Beatriz ele pode se dedicar a memória dela, nas palavras do personagem temos, “(...) depois de morta, eu podia me consagrar à sua memória.” (BORGES, 2008, p.136).

Assim ele cria um pequeno e representativo ritual memorístico para sua amada, que consiste em visitar todo dia 30 do mês de abril, sua casa para rever seu espaço, outrora habitado por ela e poder observar suas fotos e reviver assim sua lembrança, fazendo com que enxerguemos nesse ritual uma constante necessidade de atualização de sua memória. Em suas palavras Borges nos conta que “Beatriz Viterbo morreu em 1929; desde então, não deixei passar um 30 de abril sem voltar à casa dela.” (BORGES, 2008, p.137)

Visitando a casa da rua Garay todo dia 30 de abril, Borges passa a ir conhecendo Carlos Argentino Daneri, que nas palavras de Borges “(...) é autoritário, mas também ineficiente; (...)” (p.137), escritor assim como Borges, Carlos Daneri lhe apresenta seu trabalho intitulado Canto Augural, o qual Borges desdenha ferozmente. Carlos é um meio de recordar e comparar Beatriz, porém sempre desdenhando e diminuindo o primo para poder enaltecer as qualidades de Beatriz, que pouco a pouco vão sendo diminuídas também com as confidências de Carlos e a



descoberta de cartas, obscenas, trocadas entre os dois.

Com o passar dos encontros, Carlos liga para Borges desesperado pois a tão querida Casa da rua Garay, está para ser demolida, e praticamente suplica que Borges vá ao seu encontro para que assim ele possa explicar o porquê de não querer que a casa seja demolida, pois na mesma encontra-se um Aleph, que é de principal importância para que ele possa concluir sua obra de arte.

Borges, mantém seu desdém sobre o Aleph e a demolição da casa, porém vai ao encontro do Carlos, para o narrador, "*Depois dos quarenta anos, toda mudança se torna símbolo detestável da passagem do tempo; além do mais, tratava-se de uma casa que, para mim, aludia infinitamente a Beatriz.*" (p.144)

Ao chegar na casa, não mais em data rememorativa, Borges é então apresentado ao símbolo máximo do texto, é apresentado ao Aleph, meio receoso Borges cede a insistência de Carlos para que ele conheça o que é o Aleph, e se rende quando o mesmo o fala: "*Desça; muito em breve você poderá travar um diálogo com todas as imagens de Beatriz.*" (p.147), tentado pela memória reavivada da amada, Borges cede e aí começa a sua experiência com o Aleph.

"Chego, agora, ao centro inefável de meu relato; começa, aqui, meu desespero de escritor. Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito Aleph que minha temerosa memória mal consegue abarcar? (...)" (BORGES, 2008, p.148)

Após conhecer, e vislumbrar tudo através do Aleph, Borges se sente impossibilitado de transmitir algo que nem a memória consegue guardar. Temos no Aleph, a representação de uma memória universal, uma pequena esfera onde podemos ver tudo que foi, que é e que será. E após esse contato, Borges tem a impressão de conhecer tudo, e de ter abarcado toda a memória do mundo, como vemos a seguir,

Na rua, nas escadas da Constitución, no metrô, todos os rostos me pareceram familiares. Temi que não me restasse uma só coisa capaz de me surpreender, temi que nunca mais me abandonasse a impressão de voltar. (BORGES, 2008, p.151)

Mas com o passar do tempo, ele nos traz à tona a pequenez humana e finaliza dizendo que "*(...) Felizmente, ao cabo de algumas noites de insônia, de novo agiu sobre mim o esquecimento.*" (p.151)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A casa da rua Garay, se converte em lugar de memória, local de lembranças, para mais uma memória para Borges. Todos os símbolos dessa memória presente no conto se desfazem com o tempo. Foi assim para os retratos de Beatriz, que são detalhadamente estudados pelo narrador, a imagem de sua amada, foi sendo destituída aos poucos ao ser descoberto a relação dela com o primo, surgindo assim não mais a beatriz desejada e amada que Borges guarda na memória, e sim uma beatriz imperfeita, que já não mais estará presente em retratos, e sim em sua memória.

E assim vemos por fim uma ascensão e queda dos símbolos de memórias presentes no texto que nos são apresentados importantes, e se desfazem e

passam a residir somente na memória daqueles que vivenciaram as experiências, como a casa demolida e o Aleph que agora existe na memória de quem o viu.



## REFERÊNCIAS

- BARRENECHEA, ANA M. La expresión de la irrealidad en la obra de Jorge Luis Borges y otros ensayos. Buenos Aires: ediciones del cifrado, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BORGES, Jorge Luis. *Manual de Zoología Fantástica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- CANAPARO, Claudio; LOUIS, Annick; ROWE, William (comps.) *Jorge Luis Borges. Intervenciones sobre pensamiento y literatura*. 1ª Ed. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- CÉDOLA, Estela. *Borges o la coincidencia de los opuestos*. 2ª Ed. Buenos Aires: EUDEBA, 1993
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, signos, cores, números)*. 23ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SOSNOWSKI, Saúl. *Borges e a Cabala: a busca do Verbo*. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Debates, 240)
- TODOROV, Tzvetan. *Introducción a la literatura fantástica*. 1ª Ed. - Buenos Aires: Paidós, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. 4ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- TOMACHEVSKI, B. "Temática". In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 169-204.